



A DESNUTRIÇÃO ENQUANTO FATOR SÓCIO-AMBIENTAL DETERMINANTE DA FALTA DA SAÚDE E DA PLENA CIDADANIA BRASILEIRA

José Henrique Rodrigues Stacciarini

lestacciarini@hotmail.com

Professor Adjunto da UFG/Catalão-GO

RESUMO

As camadas sociais que não encontram qualquer espaço na modernidade não são só aquelas que estão no Brasil ou no chamado “Terceiro Mundo” ou “Países Subdesenvolvidos”. Trata-se também de um quarto da população dos EUA que vive abaixo dos níveis considerados mínimos naquele país, ou dos desempregados da Comunidade Econômica Européia que representam onze por cento da força de trabalho economicamente ativa. Trata-se, ainda, dos cem milhões de habitantes que vivem na miséria no Leste Europeu. A diferença para nosso país é que, apesar de ser extremamente rico em minérios, em riquezas vegetais e em terras agricultáveis, o Estado Brasileiro torna-se cada vez mais frágil às pressões dos grupos mandatários da economia nacional ligados aos interesses da economia das grandes empresas do capital internacional. No Território Brasileiro, a questão se complica ainda mais em se tratando de um país carimbado, durante cinco séculos, pela expropriação (com violência!) por parte dos detentores dos meios de produção (MARTINS, 1980) e pela tortura por parte da Tecnoburocracia Militar instalada no Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. O saldo desta “cartografia” é marcado pelas ações econômicas desvinculadas das preocupações de ordem social, o que fica evidenciado com os ascendentes níveis de desemprego, com as desigualdades econômicas que se intensificam e com as injustiças sociais crescentes. Em outras palavras, o Brasil – um dos maiores PIB do mundo! – possui 44 milhões de pessoas na situação de miséria e tem cinquenta e nove por cento da população atingida pelos variados graus de desnutrição, segundo dados do novo mapa da Fome publicado este ano pelo IBGE e IPEA, órgãos do governo federal. Por fim e de maneira ainda mais importante, deve-se frisar que a desnutrição, seja parcial ou total, responde por grandes danos à inteligência (instabilidade psicológica e reflexos anormais) dos indivíduos e, ao atingir massas humanas enormes, torna politicamente doente a própria sociedade.

Palavras-chaves: Saúde, Cidadania, Brasil.

INTRODUÇÃO: UMA GEOGRAFIA PARA A SAÚDE E PARA A CIDADANIA

As categorias utilizadas pelos geógrafos – quer se trate de lugar, natureza, cidade, região, etc. – estão sendo colocadas ‘em xeque’ e encontram-se debatidas com grande intensidade. Em outras palavras, o conhecimento geográfico passa por diversas interpretações, inúmeras teses, muitos conceitos e múltiplas teorias. Aliás, esta multiplicidade de teorias tem estado presente cada vez mais nas Ciências Humanas como um todo. Para BUARQUE (1999:25),

já não há idéias que ofereçam uma utopia geral para toda a sociedade, e já não parece haver uma base de apoio político para construir qualquer das utopias

¹ Eixo Temático 3. Fatores determinantes sociais e ambientais da saúde.
Eixo Temático 4. Epistemologia e abordagens conceituais.

tradicionais. As bases de apoio político estão comprometidas com os benefícios da economia para uma minoria e não oferecem alternativas concretas para um desenvolvimento que leve à eliminação da pobreza com a incorporação dos grupos excluídos.

O Doutor Boaventura de Souza Santos tem sido Professor visitante de várias universidades do mundo, entre as quais, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e Universidade de São Paulo (USP). No seu livro publicado no Brasil (Produzir Para Viver) SANTOS (2002:13) afirma que

O nosso tempo é paradoxal. É, por um lado, um tempo de grandes avanços e de transformações dramáticas, dramaticamente designadas por revolução da informação e da comunicação, revolução eletrônica, revolução da genética e da biotecnologia. Mas, é por outro lado, um tempo de inquietantes regressões, do regresso de males sociais que pareciam superados ou em vias de o ser: o regresso da escravatura e do trabalho servil; o regresso da alta vulnerabilidade e doenças antigas que pareciam erradicadas, como a tuberculose, e a doenças novas de proporções pandêmicas, como HIV/Aids; o regresso das repugnantes desigualdades sociais que deram o nome à questão social no final do século XIX.

Na Conferência de Encerramento do XIII Encontro Nacional de Geógrafos que ocorre em julho de 2002, na cidade de João Pessoa (PB), o eminente Geógrafo Espanhol Horácio Capel Saez inicia seu pronunciamento colocando que *“no Brasil se produz uma das melhores Geografias do Mundo”*. Após duas horas de exposição, Capel termina sua fala declarando que *“a responsabilidade que nós Geógrafos temos e devemos ter para com a construção de uma sociedade mais igualitária é muito grande”*. Antes disso, no dia 18 de julho de 2000, dentro da programação do XII Encontro Nacional de Geógrafos realizado na cidade de Florianópolis, faz-se uma mesa redonda cujo debate é a questão dos *“Movimentos e Ações Populares”*. Naquele momento, Carlos Walter Porto Gonçalves – professor da UFF – afirma que *“a geografia tem que ter compromisso com a ética e com a solidariedade humana”*. Bernardo Mançano Fernandes – da UNESP de Presidente Prudente (SP) – destaca que *“falar em exclusão social, é falar sobre exclusão territorial”*. O Doutor Rafael Sânzio Araújo dos Santos, professor da UNB, por sua vez, frisa que *“a comunidade tem força”* enquanto o Doutor José Borzachiello da Silva, professor da UFCE, discorre que *“nos anos 1990 dá-se uma emergência dos estudos geográficos vinculados aos conceitos do lugar, do desejo e da subjetividade”* na busca de territórios mais democráticos. No mesmo evento, numa mesa redonda ocorrida no dia anterior sobre a *“Questão Agrária na Formação Territorial Brasileira”*, o Dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira afirma que, *“apesar de excluídos pela direita e pela esquerda, os movimentos populares representam o que há de mais vivo na participação política dos últimos anos no Brasil e no mundo”*... Sendo assim, os temas ética, solidariedade, saúde, igualdade, responsabilidade e construção plena da cidadania tem sido cada vez mais importantes para a Ciência Geográfica.

DESNUTRIÇÃO X CIDADANIA - UMA DISCUSSÃO IMPORTANTE PARA A GEOGRAFIA MÉDICA BRASILEIRA

Para Betinho (Herbert de Souza) *“Miséria e Democracia são incompatíveis”*, pois onde há miséria não há possibilidade de existir democracia e, ao contrário, para se falar que uma sociedade é democrática é preciso, antes, que haja a erradicação da miséria. Jamais será verdadeiramente democrática uma sociedade que assiste passivamente a existência de membros de sua população passando fome, vivendo sem condições de trabalhar, de morar e sem as mínimas possibilidades de uma Educação de Boa Qualidade. No entender de GRZYBOWSKI (1996: 07) *“aos famintos é negado o mais elementar direito de cidadania: no alimento afirma-se a qualidade da condição humana e ponto de partida da cidadania”*.

Desta feita, tendo clareza que abundância de alimentos, de um lado, e grandes parcelas de subalimentados, de outro, são marcas significativamente presentes na construção do território brasileiro, fica evidente que a cidadania plena nunca se fez presente na sociedade brasileira.

De maneira geral, no Brasil, desde o período colonial, os trabalhadores que produziram as intensas riquezas e que ficaram concentradas nas mãos de poucos, eram, quase sempre, excluídos de qualquer direito, pois não possuíam o dito “*sangue nobre – o sangue branco*”. Assim, durante os cinco séculos, paralelamente à concentração de riquezas nas mãos de poucos proprietários dos meios de produção, sempre existiram lutas e movimentos de rebeldia, de sublevação, direcionados para que uma maior parcela da população trabalhadora pudesse se alimentar e viver melhor.

No interior dos movimentos, lutas e ações de maior expressão, pode-se citar a “Confederação dos Guaranis”, durante o século XVI, O “Quilombo dos Palmares”, durante o século XVII, a “Inconfidência Mineira”, de 1789, a “Balaçada” (MA/PI), de 1831 a 1836, o “Colonato”, pós 1850, no interior de São Paulo, os “Canudos”, no final do século XIX, a “Coluna Prestes”, no decorrer da década de 1920, o “Movimento do Cangaço” contra o Estado Novo, as “Ligas Camponesas” do Nordeste Brasileiro, na primeira metade da década de 1950, bem como vários outros movimentos e ações urbanas e rurais influenciados pelas idéias do socialismo em expansão no mundo, o qual, teoricamente, substituiria – em pouco tempo – o sistema capitalista de produção que passava por sucessivas crises.

Referenciados nas mais diversas interpretações, nas variadas áreas das Ciências Humanas, muitos serão os autores e trabalhos voltados para a temática “Cidadania, Democracia, Saúde, Terra e Trabalho”.

Em verdade, no Brasil, desde a década de 1940, já se observava uma preocupação com os aspectos sociais da Geografia, explicitados por Caio Prado Júnior e Orlando Valverde em artigos publicados em Revistas de Geografia de vários lugares do território brasileiro. Cabe acrescentar, dentro da Ciência Geográfica, um dos grandes nomes que tornar-se-á extremamente conhecido por seus trabalhos em prol de um país e de um mundo com menos fome e mais cidadania: Josué de Castro. De acordo com STÉDILLE (1996: 67)

Josué de Castro foi um dos filhos mais nobres e dedicados do povo brasileiro. Foi um homem completo e totalmente dedicado às causas que elegiam nosso povo. Geógrafo, Médico, Estudioso, conhecedor profundo da realidade brasileira, colocou desde o princípio seus conhecimentos científicos a serviço da defesa da vida. E buscou incansavelmente as causas que levavam tantos brasileiros a morrer de fome... Seu livro ‘Geografia da Fome’ se transformou num clássico do debate da questão da fome no Brasil e no mundo. Pernambucano, conhecia como ninguém as malvadezas do latifúndio nordestino, que se adornava das melhores terras, das águas e das pessoas, ainda que a escravidão houvesse terminado, na Lei. E defendeu com todo ardor a necessidade de reforma agrária como forma de acabar com a fome e a miséria de nosso povo. Mas não ficou apenas nos estudos ou retórica. Foi também presidente da FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e da Alimentação)... E sabia que a única forma de levar adiante as idéias da reforma agrária era se o povo pobre, se os trabalhadores rurais fossem os primeiros a se organizar. Por isso foi um grande incentivador da organização das Ligas Camponesas no nordeste, patrocinando seu primeiro Congresso em Recife, na década de 50. Morreu no exílio, afastado pelo regime militar. E até hoje a sociedade brasileira não soube resgatar a memória desse homem ilustre.

Sobre a obra de Josué de Castro, CAMPOS (1999: 38) acrescenta dados substanciais ao frisar que

a projeção internacional veio mesmo com a publicação, em 1951, do livro 'Geopolítica da Fome', traduzido em pelo menos 25 idiomas e pelo qual recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Era uma espécie de continuação de Geografia da Fome, agora realizando-a em escala internacional, com o objetivo de 'estudar o terrível fenômeno da erosão que a fome está provocando no homem e na civilização', de analisar o fenômeno da fome coletiva, endêmica ou epidêmica, aberta ou oculta, total ou específica, que constituía um fenômeno universal mas não era uma tradução de uma imposição da natureza e, sim, de erros e defeitos das organizações sociais... O livro ainda se caracteriza pelo combate ao Determinismo Fisiográfico, às idéias de Malthus e ao Neomalthusianismo.

Se as lutas, iniciativas e movimentos existentes até a década de 1960 são difíceis, o mesmo também deve ser dito para os momentos vividos pelos brasileiros durante todo o Regime da Ditadura instalada no Brasil com o Golpe dos Militares, em Março de 1964. A partir de então, o Brasil é governado por uma tecnoburocracia militar e civil que passa a defender os fortes interesses da burguesia nacional e internacional, principalmente as grandes firmas transnacionais sob forte influência do capital norte-americano sem se preocupar com a miséria da maioria da população brasileira. De fato são muitos os brasileiros que, por lutarem por mais democracia, são perseguidos e têm de deixar o país para não morrerem torturados. Assim, Escritores, Compositores, Músicos, Professores e Pesquisadores de diversas áreas científicas deixam o país natal, indo prestar excelentes trabalhos para as comunidades de outros países. Em decorrência do exílio, o Geógrafo Milton Santos, por exemplo, vai para a França, onde estabelece contatos mais próximos com grandes nomes da Geografia Mundial, dentre os quais merece destaque Jean Tricart, estudioso dos processos metodológicos ligados a uma Geomorfologia entendida no bojo de uma estreita relação estabelecida entre o Homem e a Natureza, no âmbito das sociedades de classes. Também estabelece um vínculo íntimo com os estudos de Pierre George sobre "O desenvolvimento da URSS" e, em especial, com a vasta obra de Yves Lacoste.

No exílio, Milton Santos começa trabalhar em diversas Universidades da Europa, América do Norte e África, onde mantém contatos proveitosos com duas conceituadas revistas científicas: a "Revista Antípode", na América do Norte, constituída por Geógrafos Quantitativistas que não mais se entusiasma com os métodos matemático-estatísticos e que agora adotam uma linha de análise apoiada no Materialismo Histórico Dialético, e a "Revista Herodote" que, na Europa, discute a Crise da Geografia. Por um lado, se são muitos os brasileiros obrigados a deixarem o Brasil por serem perseguidos pela Ditadura Militar, por outro, são muitos também aqueles que ficam lutando por uma Anistia Política Ampla, Geral e Irrestrita. Dentre tantos, pode-se destacar o nome de Henfil, cartunista e escritor que, por longos anos, vai se juntar a outros escritores e cartunistas para lutar pela reconstituição democrática no território brasileiro. Henfil ficará muito mais conhecido a partir do momento que passa a escrever regularmente na Revista ISTO É, defendendo abertamente o retorno dos exilados políticos.

As cartas que HENFIL escreve para a sua mãe (D. Maria) e para o irmão exilado no Canadá (Betinho) tornam-se símbolos da luta de um país que quer o fim da tortura, da censura promovida pela "Ditadura Militar Brasileira" e que almeja uma sociedade com mais democracia e com menos fome. Aquele movimento cresce e se populariza ainda mais quando Elis Regina canta a música de Aldir Blanc e João Bosco pedindo a volta do irmão do Henfil – o retorno de todos os manos que "partiram num rabo de foguete". A Anistia Política tão desejada é conseguida e muitos são os intelectuais que retornam ao país. Este é um momento de grandes debates no interior da Ciência Geográfica.

Com a crise do regime autoritário, as idéias da "Geografia Crítica" – tanto oriundas dos Estados Unidos como da França – repercutiram no Brasil fornecendo elementos para os

periódicos do final da década de 1970. O ponto alto dos debates ocorre no Encontro Nacional da Associação de Geógrafos Brasileiros... A volta de Milton Santos do exílio, bem como a sua participação no Conselho Editorial de duas conceituadas revistas, impulsiona a crítica à Ciência Geográfica. Merece destaque a publicação do livro “Por uma Geografia Nova”. Sobre este livro, MOREIRA (1992: 09) completa *“que num repente, descobre-se a pólvora: a historicidade do espaço ... Com ele, a historicidade entra em cena na Geografia”*. Mas não é só na Ciência Geográfica que o ardor das discussões se fazem presentes. As Ciências Humanas, como um todo, vivem um momento de efervescência. Os debates e as iniciativas ocorrem em diversos setores da sociedade organizada. Ainda no Rio de Janeiro, a volta do irmão Henfil e de vários outros exilados responde pela Fundação do IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas), fato que materializa um sonho antigo de Betinho: o desejo de criar uma entidade popular voltada à democratização das informações e para a formação de uma Educação Integral direcionada para os Valores da Cidadania. A partir do início da década de 1980, muitas serão as lutas voltadas para a construção de um país com mais participações políticas de base, com democracia de verdade. O Brasil não tem eleições diretas para Governador das Unidades Federativas, nem para Prefeito das Capitais e Cidades consideradas de “Segurança”. Isto tudo para não se esquecer que Eleições Diretas para Presidente da República ainda é um sonho considerado quase impossível.

Em 1989, depois de quase três décadas sem Eleições Diretas para Presidente, ocorre a eleição presidencial livre e direta, na qual a maioria dos eleitores brasileiros escolhe, sob forte influência dos Meios de Comunicação de Massa, um novo Presidente da República – o Sr. Fernando Collor, o qual em poucos meses se mostra extremamente corrupto e insensível aos dramas sociais, dos “descamisados” da nação brasileira, derrotando Lula que, anos após, promete zerar a fome no país em quatro anos de mandato (2003-2006). Desta forma, muitas foram as dificuldades e empecilhos para se avançar no sentido de um país mais democrático. Para GOHN (1995: 201) *“o processo de construção da cidadania nunca foi linear! Ao contrário, sempre foi cheio de avanços e recuos, de fluxos e refluxos”*.

Não obstante, apesar de tantos fluxos positivos e das variadas vitórias no sentido da Construção da Cidadania, é extremamente difícil falar de um novo governo e de novos movimentos populares sem sinalizar no sentido de tentar entender as novas relações mundiais cada vez mais complexas, bem como interpretar a permanência da miséria e da existência da fome absoluta no mundo e num país extremamente rico, como é o caso do território brasileiro... No mundo todo, temos 1 bilhão e 200 milhões de habitantes atingidos pelos variados níveis da desnutrição.

No fundo – no limiar do terceiro milênio – os ataques terroristas, os conflitos culturais e religiosos, o choque entre instâncias administrativas, os valores do consumismo e da liberdade pessoal ilimitada, o aumento do poder das redes dos diversos tipos de tráficos (influência, drogas, prostituição, crianças, órgãos etc!), a contaminação cada vez mais crescente do planeta como um todo, o desenvolvimento avassalador dos meios de comunicação social, a robotização, a civilização da imagem, entre outros aspectos, exigirão da Ciência Geográfica, respostas seguras no sentido de construir mais alternativas científicas de imensa abrangência social num mundo de desafios cada vez mais dinâmicos e interdependentes.

No geral, nas últimas duas décadas, o mundo assiste a relações internacionais com processos cada vez mais interligados. A nova configuração sócio-espacial do planeta é marcada de maneira significativa por grandes transformações na área de política econômica, por intenso desenvolvimento tecnológico nas áreas das Novas Fontes de

Energia, da Engenharia Genética e da Microeletrônica, bem como pela contínua presença da miséria em quase todos os espaços do mundo. Para MAGNOLI (1993: 53)

a grande mutação na economia mundial e na geopolítica planetária agravou as desigualdades entre a acumulação de riquezas e a disseminação da pobreza. O desenvolvimento econômico assume padrões crescentemente perversos, marginalizando parcelas maiores da população. Em escala mundial, a década de 80 presenciou uma ampliação da fratura econômica entre o Norte e o Sul. Atualmente, os 20% mais ricos da população do planeta repartem entre si 82,7% da riqueza, enquanto os 20% mais pobres dispõem apenas de 1,4%... A crise da dívida externa, deflagrada pela elevação dos juros internacionais desde o final dos anos 70, continua a se agravar.

Sobre os níveis de pobreza e de consumo do mundo, GONÇALVES (2000: 59) faz questão de ressaltar

Quando se sabe que um americano médio consome o equivalente a 175 vezes o que consome um etíope, ou 53 vezes o que consome um paquistanês, a nossa preocupação, mesmo que malthusianamente pensando, não seria com o crescimento demográfico da Etiópia ou do Paquistão, mas sim com a notícia do nascimento de mais um filho de qualquer família com o poder de consumo típico do 'american way of life', seja ele num bairro de classe média de São Paulo, ou de Nova Déli, ou de Joanesburgo, ou em Nova Iorque, Paris, Los Angeles ou Tóquio ... Em dados recentes divulgados pela ONU, registra-se que os 357 homens mais ricos do mundo detêm em suas mãos a riqueza equivalente aos 2 bilhões e quatrocentos milhões de habitantes situados na outra ponta do espectro da humanidade. Os 20% mais ricos do mundo consomem, aproximadamente, 80% dos recursos naturais do planeta!

Assim, a desnutrição, a fome e a miséria plena das sociedades do Brasil e do mundo presente não são fenômenos naturais, mas sim fenômenos sociais complexos, fruto de como estão organizadas as relações de produção e distribuição de bens materiais e imateriais do mundo contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a Geografia Brasileira já adquiriu a maturidade científica e já forma satisfatoriamente os geógrafos que poderão dar e darão uma grande contribuição ao futuro do país... Ela desempenha um grande papel na vida brasileira e tem, pelas condições do país e pela capacidade de seus profissionais, um grande espaço a ocupar na construção do Brasil de amanhã (ANDRADE, 1996: 56).

Por tudo que foi explicitado, cabe aqui especificamente ressaltar que as camadas sociais que não encontram qualquer espaço na modernidade não são só aquelas que estão no Brasil ou no chamado "Terceiro Mundo" ou "Países Subdesenvolvidos". Trata-se também de um quarto da população dos EUA que vive abaixo dos níveis considerados mínimos naquele país, ou dos desempregados da Comunidade Econômica Européia que representam onze por cento da força de trabalho economicamente ativa. Trata-se, ainda, dos cem milhões de habitantes que vivem na miséria no Leste Europeu. A diferença para nosso país é que, apesar de ser extremamente rico em minérios, em riquezas vegetais e em terras agricultáveis, o Estado Brasileiro torna-se cada vez mais frágil às pressões dos grupos mandatários da economia nacional ligados aos interesses da economia das grandes empresas do capital internacional. No Território Brasileiro, a questão se complica ainda mais em se tratando de um país carimbado, durante cinco séculos, pela expropriação (com violência!) por parte dos detentores dos meios de produção (MARTINS, 1980) e pela tortura por parte da Tecnoburocracia Militar instalada no Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. O saldo desta "cartografia" é marcado pelas ações econômicas desvinculadas das

preocupações de ordem social, o que fica evidenciado com os ascendentes níveis de desemprego, com as desigualdades econômicas que se intensificam e com as injustiças sociais crescentes. Em outras palavras, o Brasil – um dos maiores PIB do mundo! – possui 44 milhões de pessoas na situação de miséria e tem cinquenta e nove por cento da população atingida pelos variados graus de desnutrição, segundo dados do novo mapa da Fome publicado este ano pelo IBGE e IPEA, órgãos do governo federal.

Por fim e de maneira ainda mais importante, deve-se frisar que a desnutrição, seja parcial ou total, responde por grandes danos à inteligência (instabilidade psicológica e reflexos anormais) dos indivíduos e, ao atingir massas humanas enormes, torna politicamente doente a própria sociedade. No explicitar de DEMO (1988:08), temos que

A pobreza política é uma tragédia histórica, na mesma dimensão da pobreza sócio-econômica, e se retrata, entre outras coisas, na dificuldade de formação de um povo capaz e gerir seu próprio destino e na dificuldade de institucionalização da democracia.

Dentro dessa lógica, desnutrição não é só falta de alimentos – ou presença de doenças fisiológicas – mas é também subserviência, discriminação, alienação. Em essência, desnutrição é miséria, é falta de vida, é, vale frisar, ausência da plena cidadania... Em oposição a este quadro sócio-político caótico, que a fome possa, de fato, ser zerada em nosso país para que a cidadania se dê, de verdade, no limiar do presente século que se inicia.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **O que é fome**. 10ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1992.
- ADAS, Melhem. **A Fome - Crise ou Escândalo?** 9ª ed. São Paulo: Moderna, 1990. 103 p. (Coleção Polêmica).
- ANDRADE, Manuel Correia. **Caminhos e Descaminhos da Geografia**. Campinas: Papirus, 1996.
- BORZACHIELLO, José S. Movimentos Sociais e Estado. Implicações Espaciais. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro, v. 22, n.º 43, p. 180-185, 1992.
- CAMPOS, Rui Ribeiro de. A Fome na Geografia Brasileira: Josué de Castro. **Cadernos do ICH**, Campinas, n.º 8, p. 25-50, mar. 1999.
- CASTRO, Ana M. **Fome um tema proibido. Últimos escritos de Josué de Castro**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1984.
- CASTRO, João Alves de. **Globalização ou Mundialização**. Goiânia: UCG, 1996 (Mimeo).
- CASTRO, Josué de. **Geopolítica da fome**. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- CENSO DEMOGRÁFICO DO BRASIL/2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.
- CHAVES, Nelson. Panorama Nutricional do Brasil. *In*: LACAZ, B. & SIQUEIRA JÚNIOR, B. **Introdução à Geografia Médica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1975, p. 519 - 542.
- DEMO, Pedro. **Pobreza Política**. São Paulo: Cortez, 1988, 111 p. (Coleção Polêmica do Nosso Tempo).
- FERNANDES, Bernardo M. & GONÇALVES, CARLOS W. P. **Josué de Castro – Vida e Obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais**. São Paulo: Loyola, 1995.

GONÇALVES, Carlos W. P. Natureza e Sociedade – elementos para uma ética da sustentabilidade. In: QUINTAS, José S. (organizador). **Pensando e Praticando a Educação Ambiental na Gestão do Meio Ambiente**. Brasília: IBAMA, 2000, 200 p. 49-76.

GOMES, Horieste. **Reflexões Sobre a Teoria e Crítica em Geografia**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

GRZBOWSKI, Cândido. Fome: uma questão de cidadania. **Jornal da Cidadania / Terra Cidadã**, Rio de Janeiro, nov. 1996. p. 6-7.

HENFIL. **Cartas da Mãe**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

IRIARTE, Gregório. **Neoliberalismo. Sim ou Não?** São Paulo: Paulinas, 1996.

LACOSTE, YVES. **A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 3.^a ed. Campinas: Papirus, 1993.

MAGNOLI, Demétrio. **O novo mapa do mundo**. São Paulo: Moderna, 1993.

MARTINS, José de S. **Expropriação e violência: A questão da política no campo**. São Paulo: Hucitec, 1980.

MOREIRA, Ruy. Assim se passaram dez anos (A Renovação da Geografia no Brasil: 1978-1988). **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, p. 04-13, jun. 1992.

PELIANO, Anna M. T. M. (org.) **O mapa da Fome: subsídios à formulação de uma Política de Segurança Alimentar**. Rio de Janeiro: IPEA, mar. 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Produzir para viver**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 515 p.

SOUZA, Herbert de. O pão nosso. **Veja**, São Paulo, p. 148-156, set. de 1993 (especial 25 anos).

STÉDELLE, José P. A fome e a reforma agrária. **ADVIR**, Rio de Janeiro, v. 09, p. 67-74, nov/dez de 1996.

VERRIÉRE, Jacques. **As políticas de população**. São Paulo: Difel, 1980.